



## ENTREI POR CAUSA DAS ARTES

Marcelo Forte  
Marcelo.forte84@yahoo.com.br  
Universidade Federal de Goiás

Leda Maria de Barros Guimarães  
ledafav@gmail.com  
Universidade Federal de Goiás

ISSN 2316-6479

### Resumo

Esse texto tem por objetivo abordar algumas questões que relacionam os processos de formação docente com processos artísticos, para pensar em possibilidades da construção de uma docência-artística, considerando a partir dos estudos da cultura visual, os repertórios agregados às diferentes atividades (acadêmicas, artísticas, cotidianas) dos professores ao longo de suas formações.

**Palavras-chave:** Formação docente; professor-artista; repertórios visuais; cultura visual.

### Abstract

The aim of this text is to approach some issues that relate the processes of teacher training with artistic processes, considering possibilities of building a teaching-artistic, judged from studies of visual culture, the aggregated repertoires for different activities (academic, artistic, daily) of teachers throughout their training.

**Key words:** teacher training; teacher-artist; visual repertoires; visual culture.

Primeiro a relutância. Não posso cursar artes visuais, essa profissão não terá retorno financeiro e o campo de trabalho é complicado. Depois a solução. Posso fazer artes visuais, já que o desejo é maior do que o receio, mas, no entanto entrarei para a licenciatura, assim terei possibilidade de ser professor, caso seja necessário. Esse é um pensamento recorrente entre acadêmicos do curso de licenciatura em artes visuais. Pensamento esse que se transforma logo nos primeiros semestres. Basicamente, quatro situações se estabelecem, alguns alunos desistem do curso por completo, ou desistem da licenciatura e pedem transferência para o bacharelado, ou cursam licenciatura até o final mesmo sabendo que não darão aula ou passam a gostar do curso de licenciatura e da possibilidade de serem professores.

Pretendo então, do ponto de vista de alguém que já passou por tudo isso e que escolheu a quarta situação, ou melhor, foi escolhido, pois sem que eu quisesse já estava envolvido com questões educacionais, pedagógicas e inserido em um contexto de relações sociais escolares, abordar algumas questões que julgo pertinentes a respeito da formação inicial de professores em artes visuais. Outro ponto que me interessa é o entrecruzamento entre o processo de

formação docente e o artístico. De que forma agregamos as nossas experiências em um campo, momentos vivenciados em outro? Existe possibilidade de entrelaçamentos entre o ser professor e o ser artista?

Sou formado em Artes Visuais – Licenciatura plena em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria e nesse lugar considero ter adquirido uma formação artística e docente, pois estive durante quatro semestres dentro de um ateliê investigando meu processo artístico, assim como durante quatro semestres estive em estágio investigando meu processo de formação docente.


Em minhas práticas artísticas o meu interesse sempre esteve enredado pelas relações dúbias com o sexo. A possibilidade de mascarar preferências, de aproximar uma pessoa de um objeto em formato de órgão sexual sem as ressalvas e pudores que isso implicaria e até mesmo sem ver os meus objetos pela sexualidade, sempre me interessou. Construí objetos de tecido com enchimentos e em muitos deles bordei palavras.



Figura 1. Maranderful, 2010. Arquivo do pesquisador



Figura 2. Macéluuu, 2008. Arquivo do pesquisador



Busquei nessa produção dispositivos que me proporcionassem pensar em planejamentos de aulas, para que eu pudesse trabalhar durante o estágio. Assim, encontrei possibilidades de falar sobre arte participativa, sobre os cinco sentidos explorados por artistas na construção de suas obras e os modos de ver e de sentir que o público deposita sobre tais produções. Como em uma via de mão dupla agreguei às minhas produções artísticas diversas situações vivenciadas nos espaços educacionais que frequentei enquanto professor.


Esses trânsitos me trouxeram para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, onde me proponho pesquisar as relações que acadêmicos do curso de licenciatura em artes visuais fazem com suas produções artísticas ao inserirem-se no campo de estágio, desenvolvendo suas práticas docentes. Dessa forma, aponto a seguir algumas considerações a respeito da formação de professores e de uma formação que se dá enquanto docência-artística.

### **Ideias de ser professor**

Uma boa parte dos estudantes quando entra em um curso de licenciatura, não tem muita ideia do que seja ser professor. A experiência de estar em sala de aula até então é como aluno, e nesta posição, nosso olhar é muito diferenciado e superficial do que significa ser um professor. Se eles cobram demais reclamamos, de menos reclamamos também. Quando fazem greve, pensamos que a causa é sem sentido. A nós alunos, parece que o professor estudou durante sua graduação, absorveu diversos conteúdos e agora está colocando em prática na escola. Dessa forma, tudo parece tão simples.

Por durante muito tempo, a ideia de ser professor era aquela de alguém imbuído de conteúdos que chegava na sala, pedia silêncio, escrevia no quadro, ditava exercícios para que os alunos aprendessem, aprendessem e executassem. Mas esse professor foi se modificando na medida em que o mundo também foi – e continua em transição. E para que essas mudanças acontecessem foi preciso compreender o aluno não somente como alguém que precisa de nossos ensinamentos, que necessita receber, mas como um ser humano que também tem suas escolhas, também sabe articular preferências e pode contribuir de alguma maneira conosco e com os espaços que compartilhamos.

Durante o período de formação temos disciplinas que provocam embates, que nos desestabilizam e colocam em dúvida nossas crenças com relação à escola, às pessoas de uma maneira geral e a nós mesmos. Então, repensar nossas posturas é algo que ao iniciar o curso, já começa a ser operado. E mesmo sem que percebamos, vamos nos modificando a cada disciplina, no convívio



com diferentes professores, colegas, espaços, e continuamos sempre, ao longo da vida, em mudanças, sejam elas de que ordem for.

A disciplina de história da arte, por exemplo, se apresenta muitas vezes aos acadêmicos de artes visuais como “um proyecto exclusivo y disciplinar, [...] una historia de los estilos, de los hechos, del conocimiento positivista, de la erudición formal del arte histórico, de las investigaciones empíricas sobre iconografía, estilo, [...]” (GUASH, 2005, p. 72). Em contrapartida, nas disciplinas pedagógicas esses acadêmicos são motivados a pensar em possibilidades de trabalhar com artistas, movimentos, obras de arte e fatos históricos de forma que possa despertar o interesse do aluno, sem hierarquizar ou dar mais valor para determinadas produções e períodos da história da arte.


Então, outras questões se apresentam ao professor em formação inicial. De que forma transitar pela história da arte, seus significados e suas teorias com as disciplinas da licenciatura que apontam a relevância de se pensar o aluno, a sociedade, as possíveis interpretações que cada um opera em contato com produções artísticas? Como relativizar diferentes concepções na construção da docência?

Buscar uma formação docente em artes visuais também significa compreender nossas sensibilidades e subjetividades. Lopes e Rodrigues (2005, p. 216) colocam que há um

imaginário coletivo de que o acadêmico já ingressa no curso possuindo uma sensibilidade aguçada, uma percepção mais concentrada e uma leitura de mundo mais ampliada e aberta que os acadêmicos dos outros cursos da universidade

Mas essa aura que se cria a respeito desses acadêmicos, e que muitas vezes é reiterada por eles, faz com que se sintam diferentes, e muito provavelmente, melhores que os outros. E pensando que a sensibilidade não é um privilégio do nosso campo de conhecimento, de que maneira podemos desenvolver e entender os processos que nos tornam sensíveis às coisas, às pessoas, ao mundo? Talvez começando com a ideia de que o sensível não é algo inato em nós, mas que vamos construindo na medida em que vamos experienciando novas sensações.

Hernández(2005, p. 29) coloca que “ser docente, pai e mãe não são realidades essenciais, senão sociais, discursivas, e como tais, modificáveis, produto de cada época e contexto”. E no que diz respeito a essa identidade que se configura e se conforma no decorrer do curso, ainda é possível falar a partir de Hall (2006) que durante muito tempo as identidades foram encaradas como fixas, e os sujeitos unificados, mas essas identidades vêm passando por um



processo de transformação, fazendo assim surgir identidades fragmentadas, em constantes mudanças.

Isso quer dizer que os sujeitos estabelecem sua identidade através de uma série de relações e identificações com o entorno e com os outros. Relações que tem a ver com seus desejos, fantasias e fantasmas pessoais e coletivos, as crenças e as regras das instituições com as que se relacionam. (HERNANDEZ, 2005, p. 29)

Nesse processo de construção de identidades vamos estabelecendo vínculos com conceitos, maneiras e estilos, de pessoas, lugares, espaços e de situações em que não só nos deixamos invadir, como também invadimos. Dessa forma, ao pensar a formação de licenciatura em artes visuais, é possível também entendê-la como um processo de contaminação de outras instâncias.

### **Arte e docência combinam?**


Sua vida é obra de arte,  
a vida dos outros é obra de arte,  
a vida dos outros e a sua vida são campos de experimentação.  
(PEREIRA, 2010)

Muitas pessoas mesmo optando pelo curso de licenciatura em artes visuais entram pensando nos processos artísticos que viverão, as linguagens que conhecerão e as técnicas que aprenderão, independente do curso ser voltado para as questões pedagógicas, da educação das artes visuais e com objetivo de formar professores. No decorrer dos semestres alguns desistem de produzir arte enquanto outros se aprofundam em tais questões, buscando uma formação docente e também artística.

A desistência acontece muitas vezes por causa das disciplinas pedagógicas que ocupam grande parte da carga horária, pela decepção de não encontrar no curso um ensino de arte que promova um conhecimento de técnicas diferenciadas e de aprofundamento em diversas linguagens e em alguns casos pela falta de incentivo ao licenciando de produzir arte.

Existe uma diferenciação entre cursos de licenciatura e bacharelado, no que diz respeito às competências destinadas aos profissionais de cada área e a academia muitas vezes promove essa distância. Desde a segunda metade do século XIX, “em relação à formação do professor, julgava-se que ele precisava apenas dominar os princípios básicos das atividades, sem depender de maiores habilidades, ou exigências para que fosse artista ou artesão” (MARTINS et. al. 2011, p. 116).





Mas a principal diferença do século XIX para os dias atuais é que o ensino de técnicas já não é uma prática comum nem com alunos do bacharelado. Aliás, podemos pensar que

Na antigüidade, o campo da arte circundava as noções de imitação e beleza, passando pela sua utilização como elemento decorativo. No auge da modernidade clássica, a arte aproximou-se da sublimação, do sublime. Na contemporaneidade, aderida antes ao conceito do que ao seu conteúdo expressivo estrito, a idéia de arte se ampliou e ultrapassou os limites da inteligibilidade. (PEREIRA, 2011, p. 112)


A apreensão das linguagens se dá por outras formas, e o que é mais enfatizado então são os processos pelos quais o aluno passa para desenvolver a sua poética, as maneiras com que ele vai chegar a determinadas formas, independente da técnica desenvolvida. Portanto, alunos da licenciatura também podem pensar poeticamente suas práticas, sejam nas experimentações em ateliê ou nas salas de aula onde estagiam.

Entendendo que de qualquer forma um acadêmico de licenciatura terá sua formação direcionada para a docência, busco aqui refletir sobre os possíveis trânsitos entre suas produções docentes e suas produções artísticas. Mas que produções são essas que recebem o nome de arte? Serão somente trabalhos destinados às exposições, salões, galerias de arte?

Na verdade o artista que proponho pensarmos é alguém que produz e reflete sobre aquilo que produz independente de levar o seu trabalho para um espaço institucionalizado das artes visuais ou não. O acadêmico que passa por experiências de ateliê, e que se interessa por determinada linguagem, técnica ou por questões conceituais, subjetivas de seu objeto artístico ou aquele que mesmo não experienciando determinadas linguagens na universidade busca paralelamente desenvolver um trabalho, seja em casa em suas práticas cotidianas, em um caderno de desenho, ou em um coletivo de arte com intervenções no espaço urbano, pode aqui ser entendido enquanto artista.

E quem seria então o professor/artista? Poderia ser aquele que encara duas profissões, a de artista e a de professor? Sim, mas também podemos pensar naquele que produz subjetividades no envolvimento com práticas artísticas sem que necessariamente elas recebam o nome de arte, mas que de alguma forma contaminem outros espaços desse professor/artista, espaços da sala de aula, que se incorporem aos seus planejamentos e às suas práticas enquanto professores.

O professor-artista possui campos de experimentação, como fala Pereira (2010) onde se encontra em processos individuais, coletivos, de participação, de interferências, de silêncios e de vozes que permeiam produções poéticas,



reinvenções de suas próprias práticas e das práticas dos outros. Então, cabe aqui pensar não somente no professor-artista que desenha, que pinta, que entalha, mas também naquele que tem uma maneira de organizar sua casa, seus livros, suas escritas, nos atos performativos de receber pessoas, de cozinhar e de contar uma história.

A subjetivação dessas diferentes atividades, pensadas também enquanto processos artísticos podem vir a ser tomadas como pesquisa no processo de formação do professor-artista, a partir de suas metodologias, das escolhas de imagens, linguagens e materiais trabalhados com os alunos, do diálogo dentro de sala de aula para desenvolver atividades colaborativas, coletivas e envolventes.

Nas últimas décadas, tornaram-se cada vez mais comuns projetos, programas e propostas que buscam estabelecer correlações entre pesquisa científica e práticas artísticas, num esforço quase sempre profícuo de aproximações entre os modos de conhecer dos procedimentos científicos e das práticas artísticas. Resultam, então, metodologias diversas de pesquisa, orientações epistemológicas, concepções do ato de conhecer, cujos pontos de vista tendem a uma natureza híbrida, capaz de lidar com rigor e liberdade na criação, experiência estética e artística, e conhecimento. (MARTINS et al. 2011, p. 226/227)

O processo de formação docente, contaminado pelas práticas artísticas e ainda pelas outras experiências presentes em outros contextos da vida do acadêmico, é também um processo de pesquisa, de compreensão, de desenvolvimento de didáticas e práticas docentes e de interação com os diferentes espaços da educação, neste caso, da educação das artes visuais. “A experiência é, sim, muito importante, mas ela só se transforma em conhecimento com potência transformadora na medida em que se torne matéria de observação e análise sistemática” (MARTINS et al. 2011, p. 226). Existem acadêmicos de licenciatura em artes visuais que produzem arte mas não olham para seus próprios processos como elementos de trânsitos e de conexões, não buscam relações possíveis daquilo que produzem artisticamente com suas produções docentes, por não verem necessidade.

Portanto, a ideia não é apontar os entrecruzamentos de arte e docência como o melhor que um acadêmico de licenciatura em artes visuais possa fazer, mas sim, trazer uma perspectiva de um campo que se espraia por entre diferentes aspectos e que possibilita trânsitos fortuitos ao acrescentar em nossas vidas outras maneiras de ver e de sentir o mundo. Nesse sentido é possível dizer que tais imbricamentos fazem parte de repertórios visuais que vamos construindo ao longo de nossas formações.



## Repertórios visuais e a cultura visual

Somos todos os dias imersos em imagens desde o momento em que acordamos, às vezes por nossas próprias escolhas e em outras situações sem que percebamos. Imagens em outdoors, graffittis nas ruas, os carros, as pessoas, suas roupas, os supermercados, o cinema, a televisão e a internet vão ao longo do dia construindo um repertório visual que de alguma forma estabelece preferências e gostos, um processo centrado na subjetividade e não somente nos processos clássicos de percepção. (GUASCH 2005, p.63).

Os repertórios visuais podem ser entendidos então como um emaranhado de situações que vamos agregando de diversos contextos à nossa formação. Cada um dos nossos processos formativos sejam eles artísticos, docentes ou pessoais carregam um pouco daquilo que já esteve ou está presente em determinados momentos de nossas vidas.


Tais discussões encontram suporte nos estudos da cultura visual, campo de estudo que venho acompanhando desde minha graduação. Hernández (2011) fala que esse campo não tem limites precisos e que seus territórios não são unificados, e por isso penso que tratar de repertórios visuais, é buscar dentro da cultura visual todas essas percepções que circundam nossos cotidianos e se atravessam mesmo quando não nos damos conta.

Hernández (2011) elenca três posições sobre cultura visual, mas desde o início deixando claro que seria uma visão reducionista vê-las como síntese de toda a cultura visual. Trata-se apenas de enfoques em que certamente existem hibridizações entre si, vazamentos para e de outras referências e que não se encerram em um único núcleo. Então como primeira situação podemos entender a cultura visual como um campo trans ou adisciplinar que discute sobre aquele que olha e os efeitos desse olhar sobre ele.

[...] as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos. Em suma, fixam a realidade de como olhar e nos efeitos que tem em cada um ao ser visto por essas imagens. (HERNÁNDEZ, 2011, p. 30)

Diferente da leitura de imagem que busca a partir do produto ou do produtor uma única interpretação, temos nesse contexto a ideia de que o olhar carrega uma memória biográfica e social, que não está apenas na superfície da imagem que vê. Ou seja, uma imagem tem consigo possibilidades de interpretação que o olhar imbuído de outras percepções tem em contato com ela.





A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos, pensamos e, especialmente, pelas nossas convicções e crenças. Por esta razão podemos dizer que as imagens incorporam uma forma de ver e, conseqüentemente, o modo como vemos interfere na nossa maneira de interpretar. Isso nos ajuda a compreender que, hoje, a realidade da imagem é definida pelas práticas culturais numa sociedade onde a tecnologia e os recursos visuais têm sido potencializados pelo volume crescente de imagens que invadem o cotidiano [...] (MARTINS, 2011, p. 10).

Como segunda situação, Hernández inclui imagens e artefatos do passado e do presente para compreender como vemos e somos vistos pelos objetos.


[...] prestar atenção não apenas ao contexto de produção das representações que denominamos obras de arte, mas também ao de sua distribuição e recepção. Incluindo também na cultura visual as representações vinculadas à paisagem visual dos sujeitos [...]

Ou seja, o entorno daquilo que o sujeito vê e não apenas o que vê, o modo com que se posiciona diante dessas visualidades e se relaciona com elas. Nesse sentido somos convidados a refletir sobre as construções já estabelecidas de representações visuais históricas, revisando nossos próprios olhares a partir daquilo que vivemos hoje.

Como terceiro mote para discussão sobre a cultura visual está “nossa relação com as tecnologias da aprendizagem e comunicação que afeta como vemos a nós mesmos e ao mundo” (HERNÁNDEZ 2011). Ele fala que por muito tempo tivemos nosso olhar disciplinado por uma tradição ocidental, que buscava descobrir o que havia nas representações visuais, como se o autor as tivesse produzido como um enigma a ser decifrado. Para isso, determinadas disciplinas colaboravam e colaboram para que possamos treinar nosso olhar, apurá-lo, discipliná-lo, tais como a semiótica, a história da arte com a iconografia e a psicanálise. Mas a cultura visual traz uma perspectiva mais ampla, não recusa essas maneiras de ver, mas as considera incompletas.

Assim, podemos pensar em nossas próprias percepções de mundo. Como vamos nos constituindo professores de artes visuais, artistas, cidadãos? Por que nos interessamos por coisas que mesmo quem convive conosco não se interessa? Martins (2011, p.14) fala que

[...] pessoas de uma mesma comunidade ou grupo social podem conviver no mesmo território visual, com os mesmos objetos e imagens, mas, apesar de conviverem com imagens, objetos e visualidades que lhes são comuns, cada pessoa os experimenta e interpreta de maneira diferente, contribuindo para ampliar não apenas o acervo de interpretações e de sentidos da *territorialidade* visual, mas, principalmente, seus espaços de diversidade.



São essas situações que nos fazem diferentes uns dos outros e possuidores de um repertório que está em constante mudança, devido às nossas interações em diversos ambientes, pessoas, mídias e por afecções promovidas por essas instâncias.

### Para outras leituras

Professores de artes visuais, professores-artistas, artistas, pessoas. Repertórios visuais, entrecruzamentos, docência, artes visuais, cultura visual. Espaços e sujeitos imbricados em diferentes medidas, sem zona de conforto e sem estabilidade. Inquietações que me acompanham e que faço questão de pensa-las e trazê-las para o texto.

Compreender a formação docente vai muito além de ler três ou quatro páginas, assim como a ideia de professores-artistas. Tampouco os estudos da cultura visual possam ser resumidos em parte de um texto. Mas penso que artigos como este podem ser dispositivos para que cada um pense na sua própria experiência, propiciando trocas, aprofundamentos e dando ênfase à importância do tema no campo da formação de professores em artes visuais.

### Referências

GUASCH, Anna Maria. Doce reglas para una nueva academia: La Nueva História del Arte Y Los Estudios Audiovisuales. *In: BREA, José Luis. Estudios Visuales: La epistemología de la visualidad en la era de la globalización.* Madrid: Akal, 2005. P. 59-74.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. *In: OLIVEIRA, Marilda de O; HERNÁNDEZ, Fernando. (orgs) A formação do professor e o ensino das artes visuais.* Santa Maria, Ed. UFSM, 2005. P. 22-42

\_\_\_\_\_ A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. Educação da cultura visual: conceitos e contextos.* Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2011, p. 31-50.

MARTINS, Alice Fátima et al. Portal L: entre-lugares, (des)encontros possíveis. *In: Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.*

Disponível em <<http://www.anpap.org.br/anais/2011/index.html>> Acessado em 02/04/2012.

MARTINS, Raimundo. Visão, visual e visualidade. *In: Módulo 28: projeto interdisciplinar de ensino e aprendizagem 2*. Brasília: Artecor, 2011. P. 9-37

PEREIRA, Marcos Villela. Pesquisa em educação e arte: a consolidação de um campo interminável. *In: Revista Iberoamericana de Educación*, Núm. 52, janeiro-abril, 2010, p. 61-80. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=80013049002> > Acessado em 08/11/2011

\_\_\_\_\_. Contribuições para entender a experiência estética. *In: Revista Lusófona de Educação*. V. 18, nº 18, 2011, p. 111-123 disponível em <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2566/1990>> Acessado em 02/04/2012

---

## Minicurrículos

Marcelo Forte é mestrando do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. É formado em Artes Visuais – Licenciatura Plena em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec) e do Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura Visual.

Leda Guimarães é professora da graduação, do PPG em Arte e Cultura Visual. Faz parte da equipe da Licenciatura em Artes Visuais - Modalidade a Distância, na Universidade Federal de Goiás. É doutora em Artes pela ECA-USP e mestre em Educação pela UFPi. É membro da ANPAP e vice-presidente da FAEB. É representante, no Brasil, do CLEA e representante da América Latina para o InSEA.